

“SE VOCÊ NÃO OUVES AS CRIANÇAS, VOCÊ PERDE AS CRIANÇAS”: UM ESTUDO ACERCA DO LUGAR DA INFÂNCIA NO CONTEMPORÂNEO E SUAS REPRESENTAÇÕES

“IF YOU NOT LISTEN TO CHILDREN, YOU LOSE THE CHILDREN”: A STUDY ABOUT THE PLACE OF CHILDHOOD IN THE CONTEMPORARY AND ITS REPRESENTATIONS

Vanessa Krummenauer ¹

Bibiana Godoi Malgarim ²

Resumo: O artigo aborda o processo de constituição do sujeito mediante a inscrição de linguagem em seu Outro primordial e se propõe a relacionar o lugar do livre brincar na estruturação do corpo às demandas da narrativa contemporânea. O objetivo desta escrita é pensar o lugar da infância e do brincar, considerando como a vinculação infantil se manifesta no corpo, na subjetividade e no brinquedo. Pretende-se lançar o olhar ao sujeito contemporâneo e à função do grande Outro e da lógica mercadológica e digital, costurando os efeitos das transformações parentais e sociais com a relação da criança com o brincar.

Palavras-chave: Infância. Contemporâneo. Brincar. Psicanálise.

Abstract: The article approaches the process of constitution of the subject through the inscription of language in its primordial Other and proposes to relate the place of free play in the structuring of the body to the demands of the contemporary narrative. The purpose of this writing is to think about the place of childhood and play, considering how child bonding is manifested in body, subjectivity and toy. The aim is to look at the contemporary subject and the function of the Other and the marketing and digital logic, sewing the effects of the parental and social transformations with the relationship of the child with the play.

Keywords: Childhood. Contemporary. Play. Psychoanalysis.

¹ Psicóloga clínica, especialista em Psicologia da Criança e do Adolescente. E-mail: vanessak.psicologia@gmail.com

² Psicóloga clínica, especialista em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes, Mestre em Psicologia Clínica e Doutora em Psiquiatria. Membro Provisório do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra. Docente na UNISINOS. E-mail: bmalgarim@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da criança é um percurso amparado pelo investimento do Outro, da voz e do corpo maternos, de quem fará as funções primordiais e lançará o seu olhar em todo o seu processo de crescimento, desde a mais tenra infância. No documentário *O começo da vida*, a ativista Leah Ambwaya sugere, em sua fala, que “se você não ouve as crianças, você perde as crianças”. Entende-se, neste trecho – e por isso compõe o título deste artigo –, um ouvir da subjetividade. De uma escuta na qual se expande e se permite o espaço

da infância. Nesta escrita, falaremos dos efeitos disto no que tange à esfera da brincadeira.

Sabemos da importância do brincar enquanto linguagem na constituição de sujeito psíquico e as suas decorrências ao longo do desenvolvimento infantil. No entanto, em tempos em que os jogos e brincadeiras que perpassam o corpo dão lugar aos jogos eletrônicos, à mídia e à tecnologia, faz-se pertinente que nos debrucemos a investigar como estas inscrições estão se dando na constituição da singularidade do sujeito e quais as suas implicações no registro simbólico da criança.

Para tanto, será lançado um olhar acerca do contemporâneo a fim de elucidar as transformações do significado da infância e qual o espaço que esta recebe no contexto social e familiar. As inscrições constituintes do psiquismo se operam somente a partir do laço com o Outro primordial. Sendo assim, se faz importante a costura entre o papel do Simbólico enquanto inconsciente e linguagem na constituição de sujeito, o entendimento da psicanálise no que tange à realidade contemporânea na infância e o papel do brincar na construção da narrativa infantil. Portanto, este texto se propõe a pensar o lugar da infância, do brincar e do lúdico nos dias atuais, considerando como a vinculação infantil se manifesta na construção da história, no corpo, na subjetividade e, conseqüentemente, no brinquedo.

1 O SIMBÓLICO NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO

Freud (2010) expõe que todos os atos e desejos dos sujeitos são determinados inconscientemente de modo universal e este aparelho psíquico, a partir da estrutura proposta por Lacan (1975), é constituído por três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Hoyer (2010) nos diz que a Ordem Simbólica, por sua vez, é a condição para a existência do inconsciente, portanto, só há inconsciente por haver linguagem e a relação humana é dada pelo manejo do simbólico, isto é, pelo laço intersubjetivo que leva em conta a singularidade do desejo e seus significantes. Se a estrutura do inconsciente é a estrutura da linguagem, é no ato da palavra que este se constituirá. Sendo assim, a “determinação inconsciente evidencia a primazia do simbólico na constituição de sujeito, visto que se mostra uma característica geral das formações do inconsciente” (JORGE, 2005, p. 68).

Quando falamos de infância, nos referimos não só à maturação das estruturas fisiológicas de desenvolvimento ou das aquisições de linguagem e construção do pensamento lógico-cognitivo, mas, também, ao tempo da plena constituição do sujeito psíquico (JERUSALINSKY, 2014). Este tempo se dá pelo interjogo entre as pessoas do ambiente e a criança, que acontece a partir do ritmo da corporeidade humana. A origem da subjetividade humana se dá, então, no registro de trocas sensoriais que alcançam o registro de códigos significantes, elementos que indicam a presença humana e que originam o idioma da dupla mãe-bebê (COMPARATO; MONTEIRO, 2009).

Na clínica com bebês, o sujeito ainda terá que se produzir, terá que se inscrever a partir da suposição que dele faz o Outro. Nesse sentido, estamos aí num tempo da pré-história do sujeito da enunciação, pois ainda não se inscreveram no bebê as marcas fundantes que, pela inscrição da fantasia e pelo recalque, produzirão o sujeito do inconsciente, ordenando sua enunciação, permitindo-lhe contar sua história e contar-se (JERUSALINSKY, 2002, p. 259).

De tal modo, o ser humano precisa iniciar seu processo de constituição a partir de uma posição, de um lugar, a fim de que ele possa emergir como si mesmo. Não se refere aí a um lugar físico, mas sim ao lugar na subjetividade de um outro. Ou seja, além de pensar como o sujeito entra na ordem simbólica, é necessário considerar, também, como um sujeito é produzido pela ordem simbólica, pelo significante (JERUSALINSKY, 2002), visto que todo recém-nascido, para sua constituição psíquica, depende de como seja tomado pelo Outro nesta estrutura simbólica que o antecede.

2 LEITURA DA PSICANÁLISE ACERCA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

A velocidade muda o modo como percebemos o que nos rodeia. Hoje, expostos à velocidade voraz de centenas de informações pela via das telas portáteis, vivemos em um bombardeio sensorial que satura o nosso sistema perceptivo e de compreensão (JERUSALINSKY, 2017). Com isso, as sociedades contemporâneas se apresentaram como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação, os quais não respondem a nenhuma subjetivação real (AGAMBEN, 2011).

Atualmente, segundo Birman (2006) e Levin (2007), vivenciamos uma contração significativa da infância e um início precoce da adolescência, onde o mundo e a cultura infantil mudaram e as expectativas e exigências se multiplicaram. Este fenômeno está diretamente associado à exigência de produtividade sobre as crianças, que está significativamente mais intensa, sobretudo no que se refere à variedade de atividades e ocupações da infância.

O sujeito inserido na sociedade contemporânea está fixado num paradoxo. Ora vive voltado a si próprio, sem se preocupar com suas tradições ou com sua posterioridade, ora depende do olhar do outro para validar-se. Junto a isso, percebem-se mudanças do sujeito na forma de subjetivar-se e de vivenciar a dor e o sofrimento, sendo estes evitados a todo custo, por meio de diversas fontes de ocupação (FORTES, 2009). Portanto, é preciso considerar o quanto os corpos tão agitados das crianças da atualidade podem dar-se a ver como uma mortificação e não como vitalidade dentro de uma cultura de excessos sensoriais fragmentados (JERUSALINSKY, 2017).

Julieta Jerusalinsky (2017, p. 14) sublinha que

É preciso um intervalo temporal para esquecer e poder lembrar, para passar do impacto inicial cheio de cores estridentes a uma evocação que revisita a vivência, transformando-a em memória, às vezes com cores mais queimadas e esmaecidas ou com formas fragmentadas, em que as percepções são deformadas e reconstruídas pelo que se transforma também o sujeito quando ele, através da passagem do tempo alinhava e realinha sua narrativa, retomando os traços nele inscritos e podendo resignificá-los de forma inusitada em sua extensão e associação discursiva.

Assim, num conceito trabalhado por Agamben (2009), a contemporaneidade pode ser compreendida como uma relação singular com o próprio tempo. O contemporâneo não é aquilo que, percebendo o escuro do presente, nele apreende e resoluta luz; é sim aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos. Isto é, olhando para sua época com a distância, a ruptura e a divergência necessárias para que ela se desloque e, então, passe por um processo de transfor-

mação. Com isso, é possível voltar-se para o passado e questioná-lo acerca de suas consequências.

3 O GRANDE OUTRO E A TRANSMISSÃO DA ORDEM SIMBÓLICA NA LÓGICA ELETRÔNICA

Ao iniciar este tema, lembro-me da leitura de Julieta Jerusalinsky, na escrita *A criação da criança* (2014), em que nos conta uma de suas experiências. Um de seus pacientes, diante da massinha de modelar, pede-lhe para que se faça um controle remoto. Esta é uma montagem da cena familiar da criança, onde ficam todos reunidos sentados à mesa olhando para a TV e a mãe cuida dele trabalhando no computador. O controle remoto é um representante, aí, do totem na atualidade, que significa, por sua vez, uma marca de família.

Consideremos aí que língua materna implica a língua na qual o Outro primordial, ao qual a criança ficou referida, lhe fala, na medida em que é desde essa língua que o Outro encarnado interpreta, sustenta e interdita o acesso à satisfação que propicia ao bebê. Consequentemente, é por meio dessa língua que a criança pode representar o que a afetou em sua percepção, apropriando-se subjetivamente do seu corpo. Portanto, língua materna é aquela através da qual um bebê ficou referido, simbolicamente identificado, ao Outro, representado seus modos de obter prazer e também as interdições do mesmo (JERUSALINSKY, 2014, p. 12).

Assim, percebe-se que a relação ao Outro comporta a inscrição de um traço. Esse traço depositário da primeira identificação é o que permite tecer uma referência simbólica para a vida. É esse traço que inaugura uma série simbólica e, então, pode-se produzir para o sujeito o reconhecimento.

No que tange aos recursos e mídias contemporâneos, Dolto (2007, p. 31) ressalta que “com a televisão, entra na família um ambiente totalmente estranho, artistas, gente que fala seja lá o que for e que se tornam o centro da vida dos adultos e das crianças”. Esse movimento permite uma aparência superficial de ajustamento e, por fim, cada ser humano se percebe cada vez mais solitário e fragilmente enlaçado ao outro.

Não são poucas as mães surpresas com o profundo trabalho que dá cuidar de um bebê, com o fino bordado que é tecer e articular corpo-linguagem (JERUSALINSKY, 2014). Descobrir que talvez o mais difícil da maternidade não seja o exercício de um saber ativo, mas a posição psíquica de disponibilidade à criança costuma ser uma grande surpresa. Junto a isso, o mercado oferece uma gama de objetos que se vendem como eficazes e de grande valia para cuidados com bebês e crianças, como “apetrechos para o banho, almofadas para a postura, monitores para controlar o sono, aplicativos para os ritmos de mamada e até decodificadores de choro” (p. 13). O fenômeno que percebemos hoje é o da promoção de aparelhos, brinquedos e ferramentas ditas didáticas a fim de estimular excessivamente, inclusive, o desenvolvimento desde os primeiros dias do bebê.

Toda essa promessa mercadológica é efetuada na lógica de que tais objetos, em lugar de funcionar como representantes, acabam resultando em uma economia da relação, supostamente “poupando” o trabalho de se relacionar com todo o mal-estar e equívocos que isso comporta (JERUSALINSKY, 2014). Augé (1994) vai além quando discorre sobre a constatação de um sentimento que atravessa a atualidade e diz respeito à solidão que invade a sociedade. Para ele, é um sentimento que se configura na impossibilidade de construção de

laços afetivos, fazendo com que se instale o espaço persecutório do isolamento e do abandono.

Diante deste contexto, uma discussão acerca da função de continência da mídia e do consumo se mostra pertinente, seguindo este capítulo.

4 ESTÍMULO MERCADOLÓGICO DO OBJETO COMO GRANDE OUTRO

Pontes (2017, p. 214), ao encontro das ideias assinaladas anteriormente, sublinha que assim “como a sociedade vem sofrendo mudanças, a ideia de infância também estará sujeita a transformações”. O fato de a família e a escola estarem distantes da realidade vivenciada pelas crianças (visto que estão mais preocupadas em prepará-las para a vida adulta) faz com que estas instituições deixem de ser referências para elas, construindo uma infância consumidora da mídia e de seus produtos, com tarefas rígidas e regradas, das quais se espera um desempenho muito sofisticado.

Juntamente a esta questão, Maria Rita Kehl (1991) salienta a expressão em que “cabeça vazia é oficina do diabo” e tece esta ideia com um mecanismo de castração e repressão da brincadeira, inibindo uma das marcas mais cruciais da infância: a imaginação livre. As aventuras, a fantasia, as encrencas e as bobagens passam a ser consideradas desnecessárias e uma perda de tempo numa realidade de agendas abarrotadas de compromissos que, no lugar de uma ocupação lúdica, dão possibilidade para aquele que cresce ser “bem-sucedido” em seu futuro.

Em decorrência destas transformações, a pedagogia do certo e errado e a educação pela obtenção de resultados entram no brincar, produzindo o espaço para a ascensão da tecnologia. O enamoramento da criança com a máquina surge quando algo no ambiente lhe falta e ela pode se ocupar sozinha em uma configuração que exclui a presença, o corpo, o “estar ali”. Quando o caos e a bagunça não são mais tolerados, visto que uma infância quieta é almejada, é relevante considerarmos o fato de que o jogo eletrônico é algo construído pelo programador, mas as formas como o jogador irá viver essa experiência são imprevisíveis. Ou seja, as fronteiras deste círculo mágico poderão ser expandidas pela criança, podendo agir de forma inesperada, introduzir eventos próprios e deixar sua identidade no jogo, indo além das regras estabelecidas.

Devido ao prolongamento do corte de contato com a realidade, nos deparamos com a possibilidade de a criança ter o desenvolvimento de seu processo simbólico e de sua capacidade de pensar prejudicados. Portanto, ao falarmos de crianças pequenas, poderá ser desfavorável permanecer diante de recursos eletrônicos, pois ela não consegue discriminar o que escuta, o que vê, o que é real e o que é imaginário. E é diante desta linguagem visual posta pela tela que a criança aprenderá a se ver, como que diante de um espelho que lhe subtrai a imagem própria para lhe devolver outra, reconstruída, como consumidora (COMPARATO; MONTEIRO, 2009).

5 SOBRE O BRINCAR E A NARRATIVA DO CORPO INFANTIL

Nos primórdios do desenvolvimento da análise infantil, Melanie Klein (2007) observa que a criança, ao brincar, vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os ao exterior dos brinquedos. Permite vencer o medo dos objetos, assim como vencer o medo dos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ponte entre a fantasia e a rea-

lidade. Ou seja, é uma manifestação de extrema importância quando falamos de linguagem e dos recursos de elaboração psíquica das crianças. A linguagem, aqui, não se confunde com o objeto da linguística. É um sistema significativo baseado na língua e sua relação com uma organização própria (ROZA, 1993). Antes disso, Freud (1996) já dizia que o limite da verbalização é uma característica da criança que a diferencia do adulto e, portanto, existem diferenças em termos de estrutura do aparelho psíquico.

O brincar exerce um papel fundamental na construção do pilar da fantasia. Se a constituição de uma criança se dá relativamente bem, caracteriza-se por brincar simbolicamente, visto que o brincar, como sintoma da infância, é uma resposta da criança à estrutura. É a forma que a criança tem de tecer ativamente uma rede singular de representações a partir daquilo que a marcou. Certamente trata-se de um sujeito em constituição, que precisa ser sustentado pelo desejo e pela rede de representações do Outro.

A essência do jogo, para Henriot (1983), é determinada pelo estado mental de ilusão, consciência e paixão. Nesse sentido, a forma surrealista de lidar com as coisas, tão frequente na infância, está relacionada a essa capacidade de mudança de estado mental, que em primeira instância transforma magicamente o jogador (ROZA, 1993, p. 36).

O jogo se baseia na manipulação de imagens e sua função é a de representar a realidade. Essa realidade – matéria, natureza – é recriada pela metáfora, e toda metáfora é um jogo de palavras (HUIZINGA, 2017). Sendo assim, as sequências de jogo, brinquedos e partes de desenho constituem-se, então, em símbolos, remetendo às representações de coisa e às representações de palavra da criança.

Como descrito anteriormente, o estímulo visual e tecnológico tece uma satisfação imediata dos desejos do sujeito. Nesse sentido, Flesler (2012) pontua que, para que a cena lúdica exista, é necessário que uma falta esteja operando. O brincar, assim, implica em um lugar de incerteza, pois na dimensão lúdica reside uma imprevisibilidade, uma indeterminação dos resultados e dos efeitos. No entanto, voltando à clínica atual, é constatado que a infância perde sua especificidade de tempo lúdico, de tempo mágico, de pertinência às fantasias simbolizadas, toda vez que essa urgência do “futuro adulto” atravessa o imaginário parental (ROZA, 1993). É considerável o quanto as histórias e sintomas que chegam para uma análise estão colados aos princípios de competitividade, aparência física e outras formas de notoriedade na vida adulta, nas quais a infância não é tolerada, já que as bagunças simbolizam o caos tão evitado.

Atualmente, percebe-se que o brincar é jogado no quarto de despejo da casa, tem uma existência sem importância, dando lugar a outras ocupações e dirigindo um não lugar à infância. Podemos constatar esta questão na escuta psicanalítica. Precisamos, assim, nos voltar e lembrar as etapas do desenvolvimento infantil e recapturar o conhecimento de que o conteúdo ideacional de um brinquedo jamais determina a brincadeira, pelo contrário: esta é que orienta o uso dos objetos.

6 DISCUSSÃO

Brincar é, também, poder mudar o rumo de uma narrativa, encontrar novas possibilidades para ela. Do ponto de vista da psicanálise, isso evoca a possibilidade de uma nova história e o ingresso no mundo simbólico (GUTFREIND, 2014). Então, o que acontece quando uma criança não consegue simbolizar ou representar conscientemente?

No campo da clínica, espaço onde se dá o jogo do inconsciente, a criança se depara com a associação livre que opera pelo livre brincar. Exemplifico com uma pequena parte do acompanhamento de uma menina que chegou encaminhada por sua neuropediatra, aos seis anos de idade. Na sua primeira sessão, ao ver a quantidade de brinquedos à sua disposição, ela começa a pegá-los, imaginando qual seria a função de cada um deles. Ela não revela sua representação, num primeiro momento. A brincadeira aconteceria algumas semanas depois, após chamar o pai para se juntar à sessão, o convocando para o jogo. Observa-se, nos encontros iniciais, embotamento e rigidez na narrativa do jogo, que se desloca nas semanas seguintes, à medida que a paciente se apropria de seu espaço. Quando lidamos com crianças, podemos perceber a alternância e a fixidez da representação. A criança passa a brincar somente quando essa representação opera. Ela pode “brincar de ser. Algo bem diferente de ser realmente. O gozo que isso proporciona não se deve ao fato de representar ativamente este ou aquele personagem, mas de pôr em jogo o valor representacional da própria brincadeira” (FLESLER, 2012, p. 29).

Juntamente ao pudor do brincar, percebem-se traços concretos no modo em que a criança vê o mundo. Neste caso que citei, ao final de cada encontro, a menina deixava um risco de tinta ou caneta na minha pele. Com isso, abrem-se grandes possibilidades de trocas. Deleuze (2000) nos diz que a criança não para de dizer aquilo que faz ou que tenta fazer. Ela explora os meios e desenha o seu mapa essencial à atividade psíquica. Sendo assim, há desejo, há linguagem e há potência no desenvolvimento de um registro simbólico. O simbólico como linguagem é o que caracteriza a Ordem Simbólica enquanto conjunto estrutural independente do sujeito que fala. “Esse é o lugar do Outro (o grande Outro), sistema de elementos significantes ao qual o sujeito é submetido desde o começo.” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 118)

A criança que não brinca não consegue produzir estes movimentos fundamentais ao desenvolvimento psíquico. Sem o faz de conta, ela não consegue elaborar o real. Considerando que, como nos ensina Dolto (2015), é seguindo as dimensões do tempo e do espaço que a realidade se simboliza nas relações da criança com o Outro, qual é o espaço que o tempo da infância vem ocupando no núcleo familiar e no mundo?

Este novo social, ao invadir o familiar e o privado, modifica profundamente a relação entre seus membros. Uma das maneiras é a disjunção entre conjugalidade e parentalidade, onde cada vez mais os representantes da sociedade intervêm na relação entre pais e filhos. Na sociedade do consumo, na qual a felicidade é o único mandamento, é decisivo considerar o que está sendo transmitido às crianças.

A sociedade de consumo, que favorece o princípio do prazer absoluto, está vinculada ao desejo de vivência e tendência incestuosa, primitiva, em que a falta de limite e a busca da satisfação prazerosa imediata conduzem à intolerância de qualquer frustração, sentida como uma catástrofe similar à vivida na cisura do nascimento, e cuja revivência torna-se insuportável, pois pode levar à desorganização mental caso não haja imediata satisfação do desejo (COMPARATO; MONTEIRO, 2009, p. 67).

Na era contemporânea, na qual tudo pode ser mais rápido, este funcionamento inscreve na criança que a satisfação de seus desejos se dará somente pela via do atendimento imediato de seus pais. No entanto, é errôneo limitar a criança

à derivação de seus pais, visto que o pai e a mãe não são as coordenadas de tudo aquilo que o inconsciente envolve (DELEUZE, 2000). A criança precisará do espaço e do tempo necessários para encontrar recursos internos e lidar com o sofrimento e a frustração. Sobre isso, Dolto (2015) diz que o espaço de segurança é aquele deixado à sua liberdade e que a mãe investiu em palavras. Estas palavras assistem a criança no espaço da ausência do Outro, visto que sem o espaço do vazio, não há lugar para o desejo do sujeito. Para que um sujeito possa se constituir na linguagem, é fundamental a possibilidade de comunicar-se com o outro, mas também de não ter comunicação. É importante que haja visibilidade do mundo, mas também ocultar-se do mundo. O fato é que não há subjetividade sem ocultamento, assim como não há comunicação sem a possibilidade de não dizer (COMPARATO; MONTEIRO, 2009). É desta forma que a criança poderá simbolizar a realidade.

Observa-se que o totem infantil vem sendo construído a partir da mídia e dos recursos eletrônicos. Consequentemente, pode-se pensar que o que a palavra materna não inscreve passa a ser suprido pela lógica do consumo e do imediatismo. Não há mais tempo de decifração e compreensão. É o tempo da velocidade. Todavia, sabemos que, para que a linguagem produza seus efeitos de inscrição, é crucial que venha nomear o que afeta o corpo.

Lembro-me, também, do caso de outra menina, à época com quatro anos. Quando a recebo no contexto clínico, por volta de sua terceira sessão, ela, que falava muito pouco, aponta dúvidas à presença de um adulto que promove o brincar. Uma das queixas de seus pais é que a filha não desenvolvia uma brincadeira sem eles por perto. Então, se para a menina a brincadeira de um adulto é vista com estranhamento, em sua casa, este ato não era vivido pela via da simbolização, mas sim de forma mecânica. Para ela, se um brinquedo não falasse, não cantasse ou não “disse” como se brinca com ele, este não fazia nenhuma função. Neste sentido, Flesler (2012) sublinha que no desenvolvimento da criança, a brincadeira é produtora de um texto que vai recalando o próprio brincar e produzindo giros de cena. Em um contexto que considera o tempo da infância, apenas quando há jogo no plano simbólico é que haverá, depois, jogos de palavras.

No começo da vida, “as regras do jogo vêm do Outro. Muito cedo, o salvo-conduto para dar início a ele estará absolutamente nas mãos de quem aloja o recém-nascido. Dele depende o surgimento do primeiro jogo” (FLESLER, 2012 p. 93). No entanto, conforme Julien (2000), esta transmissão não está mais reservada apenas aos pais: o terceiro social intervém para garanti-la, controlá-la e completá-la. Entende-se como o terceiro social o papel de médicos, psicólogos, juízes – que, teoricamente, sabem o que é mais saudável e justo para a criança – e, também, os mecanismos de buscas virtuais – que podem encontrar respostas para qualquer pergunta. Esta transmissão também vem acontecendo por meio dos *youtubers*: personagens que parecem muito próximos à criança, que costumam ser estereotipados, que se encontram com as fantasias inconscientes infantis e que produzem identificações muito fixas (BERNARDINO, 2017). Com todos estes outros e os mais variados meios de se acessar as informações e ensinamentos sobre como proceder em qualquer situação, os pais passam a sustentar que o lugar para o seu conhecimento e suas vivências vem se tornando cada vez mais escasso.

Portanto, estamos diante de um paradoxo da infância, no qual, de um lado, a comunidade não toma responsabilidade pelo desenvolvimento e o cuidado com a criança e a rua não é mais palco da brincadeira e, de outro, temos uma geração de pais apresentando dificuldades em se apropriar da transmissão e inscrição de corpo e inconsciente aos seus filhos. Em tempos em que a maquinaria midiática e a lógica do capital vêm tomando este lugar, temos as crianças

e os jovens como vítimas mais vulneráveis a esta crise geral da atenção. Estes são convocados a se expressar sobre tudo e não se deter em nada. Não há tempo a perder e o espaço para o brincar se torna, logo, restrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há tempo a perder. Não há tempo digital a perder. Os efeitos das transformações referentes à subjetividade e à formação do inconsciente que se desenha pela via da linguagem são marcados, também, pelo círculo do social. O passatempo, o jogo e a brincadeira ocupam representações secundárias, devendo se contornar a supressão do tempo. Se na demanda contemporânea o objeto não falta na infância, sem ele não se faz metáfora, não há fantasia e não há mais o tempo subjetivo. Se o objeto não falta, não se abre o desejo e, por conseguinte, o sujeito não encontra o seu objeto. Ele passa, deste modo, a encontrar a angústia.

No decorrer desta escrita, apresentou-se diversos questionamentos a respeito da infância, seu lugar no mundo e a construção do brincar. Observou-se a importância do desejo do Outro na constituição de sujeito e o significado que quem faz as funções para o bebê opera quando há uma inscrição subjetiva de linguagem. Além disso, foi evidenciada a relevância do brincar na elaboração psíquica das vivências dolorosas na infância, inclusive quando o Outro primordial não se coloca como sua totalidade.

Entretanto, vivenciamos uma contemporaneidade que passa a exigir produtividade, agilidade, resposta ao sistema do consumo e do capital, utilização da automação, das máquinas e das ferramentas de busca on-line como os instrumentos singulares de construção de saber. A experiência humana, com suas falhas e faltas, ocupa um lugar de não lugar, que não tece transmissão e onde não se constrói respostas – por muitas vezes, não se levanta perguntas. A não totalidade do Outro primordial e a falta são preenchidas pelo enamoramento com a máquina.

Este estudo se propôs a produzir o movimento de interrogação acerca de algo que só poderá ser respondido a posteriori. As respostas poderão ser dadas apenas pelas construções do sujeito – objeto de estudo da psicanálise – que está em etapa de desenvolvimento e estruturação psíquica. Pela via do contexto clínico, podem-se perceber os pilares de fundação do desejo na criança e que este necessita de amparo para edificar-se e emergir na superfície. Uma superfície tão abarrotada de demandas sociais e demasiadas informações que provocam o apagamento da palavra. Por fim, entende-se que a devolução da criatividade e o protagonismo aos pais e/ou cuidadores poderá produzir na criança o fazer de seu próprio brincar.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. ¿Qué es un dispositivo? **Sociológica (México)**, v. 26, n. 73, p. 249-264, 2011.
- _____. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. [S.l.]: Editora Argos, 2009.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BERNARDINO, L. Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos “outros” da infância contemporânea. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Orgs.). **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.
- BIRMAN, J. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, M. (Org.). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.

COMPARATO, M.; MONTEIRO, D. **A criança na contemporaneidade e a psicanálise:** mentes e mídia: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica.** Lisboa: Século XXI, 2000.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **As etapas decisivas da infância.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FLESLER, A. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FORTES, Isabel. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Subjetividades**, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, 2009.

FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicopatologia da vida cotidiana.** São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L. **Acaso e repetição em psicanálise:** uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUTFREIND, C. **A infância através do espelho:** a criança no adulto, a literatura na psicanálise. Porto Alegre: Artmed, 2014.

HENRIOT, J. **Le jeu.** Paris: Synonyme – SOR, 1983.

HOYER, C. **A função paterna na instituição:** do individual ao coletivo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2017.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança:** brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma, 2014.

_____. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: COLÓQUIO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS, .3, 2014. **Anais.** Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise_crianca/coloquio2014/images/Anais_IIIcoloquio_2014.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

_____. **Enquanto o futuro não vem:** a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002.

_____. Que rede nos sustenta no balanço da web? O sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Orgs.). **Intoxicações eletrônicas:** o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

JORGE, M.A.C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan:** vol. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JULIEN, P. **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KEHL, M.R. Imaginar e pensar. In: NOVAES, A. (Org.). **Rede imaginária.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KLEIN, M. A psicanálise de crianças. **Obras completas de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Imago, 2007.

LACAN, J. RSI. In: SOCIEDADE FRANCESA DE PSICANÁLISE. **Ornicar?.** Paris: Le Graphe, 1975.

LEVIN, E. **Rumo a uma infância virtual?** A imagem corporal sem corpo. Petrópolis: Vozes, 2007.

O COMEÇO da vida. **Direção de Estella Renner.** Brasil, 2016. (97 min.).

PONTES, A. A constituição da infância na sociedade midiática: notas para compreensão de outro universo infantil. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 8, n. 17, 2017.

ROZA, E. S. **Quando brincar é dizer:** a experiência psicanalítica na infância. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.